

MANIFESTOS E A OBRA DE OSWALD DE ANDRADE

META

Apresenta as propostas estéticas e ideológicas do primeiro momento do Modernismo no Brasil, seus principais autores e obras, com destaque para Oswald de Andrade.

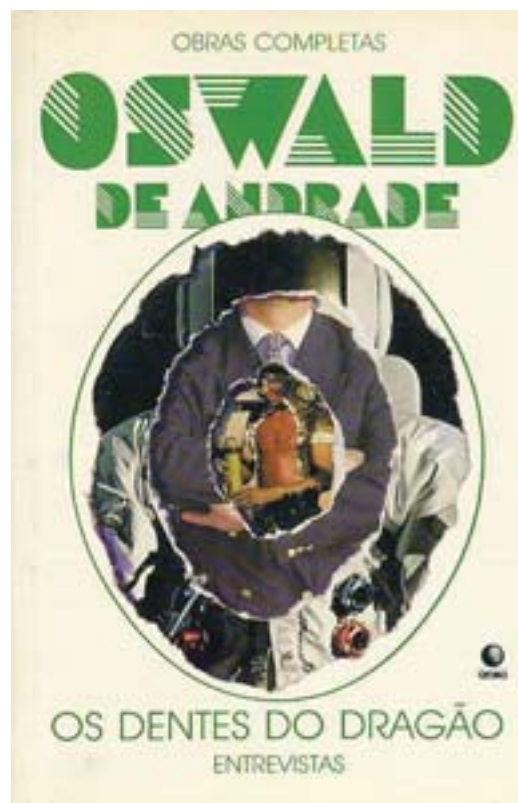
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as características da poesia da primeira fase do Modernismo a partir dos projetos ideológicos dos manifestos modernistas;
comparar as inovações estéticas da poesia de Oswald de Andrade com a poesia tradicional;
analisar criticamente as obras de Oswald de Andrade no contexto do modernismo brasileiro.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre a Semana de Arte Moderna e acontecimentos históricos.



Capa do livro *Os Dentes do Dragão*
(Fontes: <http://www.unicamp.br/~boaventu/dragaox.jpg>).

AS TENSÕES DO MODERNISMO

A Semana de Arte Moderna é o acontecimento que marca historicamente a implantação do Modernismo no Brasil e, por isso, é tida como ponto de partida de uma “arte de ruptura” centrada, principalmente, no âmbito literário, à rejeição à arte parnasiana. Para você entender a força desse momento, vamos analisar o contexto e a proposta ideológica dos manifestos modernistas. No segundo momento, comentamos a força da obra de Oswald de Andrade. Para isso, vamos enumerar as principais propostas do primeiro momento da poesia e seus principais autores visto que o Modernismo é amplo e não cabe em um quadro único. Suas metas foram diversificadas e mudaram conforme o amadurecimento das propostas artísticas.

Na fase inicial, podemos dizer que a literatura estava voltada para a rejeição dos padrões portugueses e a valorização de uma língua coloquial brasileira com seus “erros gostosos”, para a busca de um ritmo poético que se assemelhasse com o cotidiano do povo, e para a pesquisa sobre a cultura e o folclore brasileiro, entre tantos outros aspectos. Depois da Semana de Arte Moderna, os artistas modernistas continuaram envolvidos em novas pesquisas. A partir do contato com a cultura vanguardista trazida da Europa, o debate em torno do melhor caminho para a literatura brasileira passou a fazer parte do programa dos diferentes grupos de artistas. Entretanto, havia um consenso em torno da busca de uma identidade nacional. Para Péricles Ramos (2001, p. 36), o Modernismo pode ser visto como ruptura das tradições conservadoras e acadêmicas que tem como diretrizes básicas:



Anúncio sobre a Semana de Arte Moderna
(Fontes: <http://2.bp.blogspot.com>)

- I - direito permanente à pesquisa estética;
- II - atualização artística do Brasil;
- III - estabilização de uma consciência criadora nacional; e
- IV – busca de um tom orgânico de consciência coletiva.

A seguir veja essa proposta estética desdobrada no texto modernista. Naquele primeiro momento, o importante é gritar, é incomodar. O exagero e a vontade de insultar também estão presentes nesse texto:

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço
[ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
[de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar
com cem modelos
[de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é
[libertação.

(BANDEIRA, In: CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 45-6).

Esse texto traz o tom de protesto e a vontade de ruptura que marca a primeira fase do Modernismo, pois se coloca contra a sociedade da época, seus valores culturais e principalmente contra a poesia que estava em moda: “Estou farto do lirismo comedido, bem comportado, namorador”. A repetição da negação de toda a tradição romântico-parnasiano-simbolista deixa clara a intenção de o poeta buscar um “lirismo dos bêbados e loucos”. Esses versos definem o espírito de repulsa e confronto que paira antes, durante e depois da Semana de Arte Moderna. Escolhemos Manuel Bandeira para abrir esse panorama sobre a produção do primeiro momento, porque ele é um dos escritores que vai além dessa fase. Retomaremos a obra desse importante modernista na nossa quinta aula, a que fecha esta unidade. Agora vamos nos situar politicamente diante dos acontecimentos históricos do Modernismo.

A SOCIEDADE BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Para entendermos melhor os significados da força na renovação artística modernista na história do Brasil, vamos acompanhar algumas reflexões sociais sobre os principais acontecimentos da história do Modernismo. Diante de um país estagnado culturalmente pelo culto à tradição clássica e pela cópia da cultura europeia, os artistas modernistas trazem uma dupla preocupação: renovar a estética vigente e fazer a adequação dos conceitos importados à realidade brasileira. Essa dupla preocupação nasce da ânsia coletiva de uma arte nacional que se opunha ao conservadorismo vigente até então.

Como visto na primeira aula, o Modernismo brasileiro não foi só um movimento estético. Ele vai além e está relacionado à crítica da colonização. Assim, podemos dizer que o movimento artístico-cultural do modernismo está associado a um projeto de revisão histórica. Mário de Andrade e Oswald de Andrade estão à frente desse processo de repensar o presente. Vale destacar que tais reflexões são propícias pelo fato de o país estar comemorando os cem anos de sua independência.

Por isso, ao contrário do que muitos pensam, o Modernismo brasileiro nasce de uma consciência crítica da nossa cultura em busca de uma identidade. Os jovens intelectuais procuravam revisar o passado de um Brasil fortemente vinculado à tradição agrária dos coronéis. Então, aproveitando as influências dos ventos que sopravam da Europa, o modernistas apresentam uma arte marcada pela criatividade, pela oralidade, pelo cotidiano, pela cultura popular, pelo humor, pela irreverência, pela brincadeira e, sobretudo, pela paródia. Nesse sentido, você deve ficar atento às leituras dos textos modernistas, pois jogar, brincar, fazer humor e parodiar fazem parte dos textos dessa primeira fase já que o Modernismo rompe com o

passado brincando com os padrões vigentes.

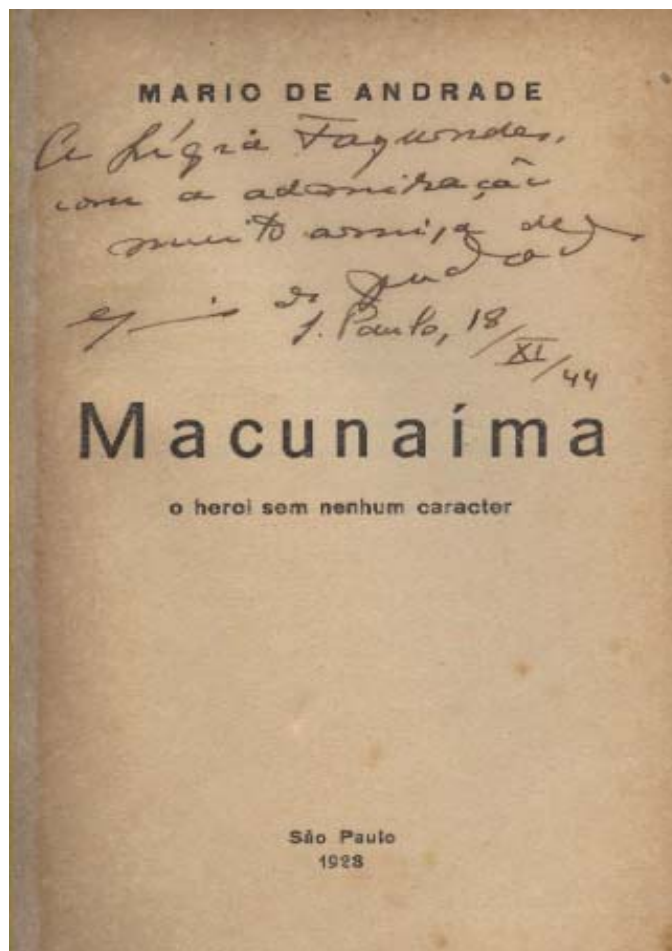
Para o crítico Antonio Candido, com o Modernismo, o artista brasileiro retoma o debate entre optar por uma arte local e universal (cf. CANDIDO, 2000, p.119). Nesse sentido, caberia ao modernista optar por uma arte sofisticada que problematizasse essa dialética entre o nacional e o importado. No processo de revisão, os modernistas tomam consciência de que a República brasileira, isto é a modernização do país, não era um projeto para todos, pois havia uma grande massa de excluídos: pobres, mulatos, negros, índios, estrangeiros. Portanto, podemos dizer que os modernistas expõem para as elites brasileiras uma versão popular do Brasil com sua língua, seu folclore, suas lendas e seus mitos. Tais referências são fundamentais para a construção de uma base popular para a literatura brasileira.

Assim, por trás desse movimento artístico-cultural, não podemos perder de vista esse horizonte político que a pintura, a música e literatura souberam explorar com tanta criatividade. A música de Villa-Lobos, a pintura de Tarsila, a narrativa de Mário de Andrade e o teatro de Oswald de Andrade podem ser citados como exemplos de um projeto social extremamente ligado com o povo brasileiro. Assim, todos trazem a “crítica nacionalista” como uma marca original do Modernismo.

Com essa preocupação social, a Semana de Arte Moderna pode ser vista como um momento catalisador de nossa cultura por ser contra a literatura como um adereço, isto é, um exercício estético que valia por si só. Então, com as novas propostas estéticas, os rumos da arte mudavam, pois deixávamos de ser um país do adereço artístico para buscarmos uma arte que nascia dos conflitos sociais.

No confronto de ideias entre o nacional e o estrangeiro, temos escritores preocupados com um novo lugar para o debate sobre o papel do artista e do intelectual brasileiro. Daí surge a consciência de que somos latinos de herança européia e que a mestiçagem é nossa etnia. Com essa consciência, abre-se espaço para reflexões sobre a segregação dos índios, pobres, negros e mestiços e estrangeiros.

A partir dessa perspectiva de busca da identidade brasileira que estará presente em *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, Macunaíma, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato*, de Raul Pompéia, o primitivismo ganha espaço e passa a ser explorado como fonte de beleza. Portanto, a literatura abre seu diálogo com outras ciências e artes para cooperar com a vida intelectual do país no sentido de criar novos recursos expressivos e interpretativos do Brasil (cf. CANDIDO, 2000, p. 142). Assim, no contexto das duas primeiras décadas do século XX, podemos dizer que o Modernismo propõe a superação do espiritualismo, do simbolismo e do zelo da forma parnasiana para dar lugar a uma consciência crítica social do artista brasileiro.



frantispício da obra *Macunaima*, de Mario Andrade.
(Fonte: http://acervos.ims.uol.com.br/local/Image/biblioteca/Mario_Andrade_Macunaima.jpg).

A FORÇA DOS MANIFESTOS MODERNISTAS

Para o debate em torno da arte modernista, importantes manifestos foram propostos pelos primeiros modernistas que misturavam várias linguagens da pintura, da escultura da música e do cinema, mas o diferencial desses manifestos vai se concentrar na pesquisa dos mitos indígenas, do folclore e da cultura popular. Nesse primeiro momento, há uma relação mais direta entre as propostas da pintura com os manifestos na literatura como acontece com a proposta de Anita Malfatti em 1917, marcada pelo Impressionismo/Expressionismo Alemão. As pesquisas de Tarsila do Amaral sobre a cultura brasileira também inspiram Oswald de Andrade para criar o *Manifesto Pau-Brasil*. A mesma pintora é uma das mentoras do Manifesto Antropofágico com a criação da tela *Abaporu*, em 1928. Desse encontro entre as artes e a pesquisa estética, nascem o manifesto e o primeiro número da *Revista de Antropofagia*.

Cronologicamente, destacamos o lançamento do *Manifesto da poesia*

Pau-Brasil em 1924, por Oswald de Andrade, no jornal paulista *Correio da Manhã*. Como já justificado, ele usou esse nome como uma homenagem ao primeiro produto de exportação do país. Entre suas propostas, está a valorização do carnaval como um acontecimento religioso de raça. Nessa fase, o Modernismo busca uma língua mais próxima da oralidade sem arcaísmos, nem erudição, com sua “contribuição milionária de todos os erros”. Neste manifesto, Oswald de Andrade também se coloca contra a cópia e a favor da surpresa, além de valorizar o jornal como o melhor exemplo da vida atual. Em 1924, seu livro de poemas *Pau-Brasil* põe em prática os principais pontos desse manifesto.

O segundo manifesto que causou mais impacto foi o Nhenguaçu verde-amarelo, lançado em 1926, para questionar o nacionalismo do *Pau-Brasil*. Os seus mentores são Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo. Esse grupo não aceita o “nacionalismo afrancesado”, e propõe o nacionalismo ufanista e primitivista como a melhor opção para o Modernismo brasileiro. O problema desse manifesto é que ele se restringe ao debate político, deixando a questão literária para um segundo plano. Com a evolução do debate, o grupo Verde-amarelo transforma-se no grupo da Anta. Mais uma vez, o nome foi escolhido com base na simbologia desse animal que significa o totem da raça tupi. Os tupis passaram a ser vistos como os autênticos brasileiros. Portanto, desse manifesto, destacamos a valorização do tupi por um viés religioso, pois eles afirmavam que o “tupi é que havia conquistado para si a religião do jesuíta”. Essa visão, conservadora em muitos aspectos, também se manifesta na visão sentimental do índio e na negação da lógica. Para esse grupo, a visão idealizada continua a prevalecer, não há nenhum questionamento sobre a colonização, apenas uma transferência de desejo de o índio ser visto como aquele que “nos ensinou a rir de todos os sistemas e de todas as teorias”.

Ainda entre os manifestos, o mais radical foi lançado em 1928, *Manifesto Antropófago*, proposto pelo grupo de Oswald de Andrade. Sua proposta era de devoração da cultura e das técnicas importadas para uma reelaboração e transformação dessas ideias em um produto brasileiro exportável. A antropofagia passa a ser defendida como uma ação política do artista nacional. Entre outras coisas defendia que o “Brasil tinha descoberto a felicidade”, que era uma prova dos nove de nossa identidade, visto que “nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval”. Esse movimento tenta se impor na luta contra o ufanismo, e, por isso, prega o retorno ao primitivismo, sem compromissos políticos e religiosos, sobretudo. Para os antropófagos, temos a rebeldia e a ousadia exploradas pelo humor e pela elaboração mais autêntica do folclore e dos dados etnográficos, irreverência e crítica mais profunda. (CANDIDO, 2000. p. 130). Oswald de Andrade elabora uma síntese desses anseios no seu livro de poesia *Pau-Brasil* e no *Manifesto da Antropofagia* que traduz a atitude de devoração em face dos valores europeus por meio

de um lirismo telúrico. A proposta da antropofagia está mergulhada no inconsciente coletivo de que a identidade brasileira é mestiça tanto de elementos do colonizador como dos selvagens, como se pode identificar na obra *Macunaíma*, de Mario de Andrade, a mais alta expressão desse lirismo telúrico (CANDIDO, 2000, p. 130). Há um consenso entre os escritores de propor novos olhares para a forma poética que busca a valorização da cultura urbana e do progresso da máquina, da metrópole. Além disso, as primeiras obras experimentam com a linguagem da fotografia, do cinema, do telegrama, e do jornalismo para renovar o plano estético da literatura. Essas experimentações fazem parte da poética de ruptura que pode ser encontrada na poesia dos grandes poetas modernistas.

AS PROPOSTAS DE OSWALD DE ANDRADE

José Oswald de Sousa Andrade sempre esteve relacionado aos acontecimentos culturais e políticos de São Paulo, onde nasceu e morreu (1890-1954). Jovem irreverente, precocemente frequentou a boêmia literária paulista, mas, apesar disso, fez seu curso jurídico e se formou em 1919. Um acontecimento marcante para o sucesso do Modernismo foi o encontro de Oswald com Mário de Andrade em 1920. A partir dessa parceria, o projeto intelectual do Modernismo ganha a dinamicidade que faltava. Depois da Semana de Arte Moderna, em 1924, Oswald lança o movimento nativista Pau-Brasil, que além de manifesto, apresenta uma crítica ao passado histórico do país. Essa obra “busca uma interpretação lírica do seu país, através de uma poesia reduzida ao essencial, despojada de artifício, cujo efeito repousa na força sugestiva das palavras” (CANDIDO, 2006 p. 77).

A poesia de Oswald de Andrade faz parte do primeiro momento modernista que opta pela vida diária e tenta dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. As propostas do livro-manifesto *Pau-Brasil* pregam a concisão elíptica em oposição ao ornamental, por meio da valorização do prosaico e do bom humor. Nesta obra, temos uma extraordinária alegria criadora que também vai ser explorada pela poesia futurista de Mário de Andrade. Politicamente, nesse momento da literatura, Oswald de Andrade luta para desmascarar o atraso cultural do país e propõe uma ruptura drástica do passado.

Assim, podemos dizer que o primitivismo de Pau-Brasil vai se radicalizar na proposta antropofágica. Toda a irreverência do primeiro momento é requintada com um sentido mitológico e simbólico mais amplo, pois vem daí a atitude de devoração ritual dos valores europeus a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista como no poema abaixo:

Escapulário
No pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De cada Dia

(ANDRADE, In: CANDIDO, CASTELLO, 2006, p.95-96).

Oswald de Andrade passa a fazer uma reinterpretação do Brasil a partir de uma metalinguagem que guiará o projeto modernista brasileiro. Com o livro *Pau-Brasil*, temos uma visão crítica do passado do colonizador e das elites brasileiras por meio de muita ironia e humor. Essa obra pode ser vista como uma brincadeira séria que critica o passado colonial. Em alguns textos, a poesia passa a cantar o avanço tecnológico a partir de elementos extraliterários que são incorporados pela poesia moderna.

Em *Pau-Brasil*, a irreverência dá o tom da provocação do escritor, pois o leitor encontra uma poesia que não emociona, não exalta a pátria e se opõe a tudo que é conservador, aos que não aceitam as verdades, aos hipócritas. Sua força está no resgatar o passado por meio de uma visão irreverente agressiva como acontece com seu famoso canção de exílio:

Canto Regresso à Pátria
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos aqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

(ANADRADE In: CANDIDO, CASTELLO, 2006, p. 98).

Para Haroldo de Campos, a poesia de Oswald é marcada pelo radicalismo de tomar o problema pela raiz, quando questiona o patriotismo ornamental das gerações anteriores. A concepção estética da poesia Pau-Brasil é nova por se distanciar do lirismo inerente ao fazer poético daquele momento, ressaltando a redução e a síntese da poesia. Assim, esse ataque à forma tradicional e à lógica parte de um olhar infantil que instaura um novo lugar do poeta brasileiro, que agora explora as técnicas importadas a partir de seu lugar crítico.

Com essa obra, temos o fim das musas, a incorporação do inconsciente, a exploração da trivialidade, a valorização da geometria dos objetos e do cotidiano. Como já dito, o leitor entra em contato com um nacionalismo crítico que parte do olhar contrário à colonização e ao universo burguês. Esteticamente, temos o poema comprimido; o poema paródia, o poema humor. Mas o que mais deve ser observado é o quanto esses poemas curtos falam do incomum, do estranho e colocam a aura lírica em xeque.

Muitos textos são apenas uma sucessão de imagens, o que provoca o incômodo no leitor, pois são poemas que primam pela invenção e pela surpresa. A genealogia dessa obra é destrutiva e dessacralizante, quando pensamos em o quanto ela se opõe ao passado da literatura brasileira. Como pregavam alguns conceitos das vanguardas europeias, Pau-Brasil põe em crise o verso, para valorizar o uso do mecânico e alargar o espaço lírico com alguns elementos da publicidade e dos novos meios de comunicação de massa. Cabe ressaltar o quanto o leitor é exigido nessa obra. Ele deve ser participante e deve trazer seus conhecimentos sobre as vanguardas como Dadaísmo, Futurismo e Cubismo. Sobre essa postura lírica de Oswald e dos primeiros modernistas, vale destacar o abandono da interioridade do eu lírico para se concentrar em uma forma síntese da poesia, o poema cápsula. Na poesia *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, também podemos identificar uma forte influência do Surrealismo e de outras marcas da vanguarda europeia. Nela vemos a busca do senso de infantil no homem, do complicado e do retorcido – psicanálise, do Surrealismo e da Antropologia. Na poesia, temos, resumidamente: simultaneidade, condensação, imagens vívidas e fusão de elementos diversos, motivando uma profunda revolução em nossa poesia.

Quanto à narrativa de Oswald de Andrade, um capítulo à parte é seu romance *As memórias sentimentais de João Miramar* (1924). Essa obra traz a vida de um burguês em *flashes*. A técnica narrativa se destaca por essa fragmentação. Os capítulos curtos nos dão indícios dos acontecimentos que envolvem a vida de um decadente burguês. Nessa obra, aspectos da lírica são incorporados e os limites entre poesia e narrativa se confundem. Esse experimentalismo é inovador para a prosa brasileira.

Além de ser um líder revolucionário do lirismo e da narrativa, Oswald de Andrade também foi um dos pioneiros nas inovações do texto teatral com *O rei da vela* (1937), uma peça com abordagem marxista da sociedade

burguesa. Além da temática, ele quebra com o ritmo do texto teatral tradicional da época. Essa peça possui dois eixos. No primeiro, temos as cenas da fábrica de vela, com Abelardo explorando os pobres com agiotagem. No segundo, temos uma família burguesa vista às avessas, com suas traições e tipos homossexuais escandalosos. Esse texto foi escrito em 1933, publicado em 1937, mas somente ganhou a encenação que merecia em 1967, quando passou a ser um clássico do teatro brasileiro com a famosa encenação de José Celso Martinez Corrêa.

Esse texto traz uma visão desmistificadora da elite brasileira. Suas personagens são caricatas e descritas por meio de um olhar paródico. Dentro da proposta estética de Oswald, *O rei da vela* pretende demolir valores, instituições e rir de uma sociedade aprisionada em pseudo-valores. Esteticamente, ela rompe com a linearidade do texto teatral e passa a trabalhar com diversos planos, além de pregar uma nova proposta estética ao explorar a metalinguagem quando parodia textos clássicos. A novidade desse novo Oswald pode ser vista no seu envolvimento com as ideologias socialistas, um crítico do Capitalismo.

As personagens principais de *O rei da vela* são Abelardo e Heloísa, metáforas do casamento de aparência e do jogo de interesse. O amor é negócio. Essa obra retrata uma família burguesa disputando um lugar na nova sociedade capitalista. Para isso, o ex-ricos falidos precisavam associar seus grandes nomes aos novos ricos que surgiam com o crescimento de São Paulo. Abelardo I, o banqueiro, compra tudo e todos por meio de seus lucros com agiotagem. Dentro das personagens caricaturas, como fruto dessa estrutura corrupta, temos Perdigoto, D. Polaca, D. Cesarina, Mister Jones, personagens associadas à prostituição e ao capitalismo selvagem. Com essa galeria de seres interesseiros, a peça desnuda valores predominantes da sociedade paulista da época.

Para não fugir do *script* de Oswald, *O rei da vela* traz o mesmo espírito do jovem desbravador da época da Semana. Sua filiação ao partido comunista e seu casamento com Pagu podem ser diretamente identificados na visão marxista que essa peça traz, principalmente, por meio das personagens Abelardo I e II, que representam a tentativa de ascensão dessa nova classe que se beneficia com os status das falidas famílias. Assim, a peça questiona também o casamento como um balcão de negócios. Abelardo com o dinheiro, Heloísa com o nome de sua família. Esse olhar irresponsável, mas muito coerente faz parte do estilo desse modernista inovador das tradições brasileiras.

CONCLUSÃO

Diante da ruptura oficialmente declarada da Semana de Arte Moderna, os manifestos cumpriram seu papel ao aprofundar o debate em torno da arte moderna da primeira fase. Como um dos líderes, Oswald de Andrade sempre esteve preocupado com sua época e com a importância da literatura como um documento de questionamento social. A função social da literatura foi muito bem explorada por esse grande modernista. Sua preocupação foi muito além de importar as novas linguagens vanguardistas. Ele esteve à frente de seus contemporâneos com um olhar visionário de um Brasil ainda por construir. Sua liderança foi indispensável para a propagação do Modernismo brasileiro.

Assim, podemos dizer que havia uma sincronia entre os líderes, os grupos modernistas e seus manifestos. A produção desse período é marcada por essas matrizes de ideias revolucionárias. O debate entre o nacionalismo primitivo e o importado teve seus desdobramentos com grandes obras como as de Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Na continuidade dessa fase de renovação, veremos que a poesia experimental deu lugar a obras de pesquisa da cultura popular, do folclore e das lendas brasileiras como veremos nas próximas aulas nas obras *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, e *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo.

ATIVIDADES



1. Comente as principais características de *O Rei da Vela*, destacando as características modernistas que repudiam a sociedade da época e suas inovações estéticas.
2. Aponte as inovações estéticas de Oswald de Andrade em *Pau-Brasil*.
3. Apresente características próprias do estilo desse autor.
4. Compare os poemas *Canção de regresso a Pátria* e *Canção de Exílio*, de Gonçalves Dias para debater o projeto modernista, com seus manifestos.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

A importância das obras de Oswald pede um cuidado maior. Veja que *Pau-Brasil* é uma obra que vem junto com o manifesto. Essa obra traz o humor, a irreverência e a piada como marcas do autor. Esse texto retoma o passado para criticar os erros históricos brasileiros. No teatro, ele foi o primeiro a usar planos simultâneos e romper com a montagem tradicional. O rei da vela é uma sátira mordaz à família paulista decadente e uma leitura marxista do Capitalismo.

RESUMO

Esta aula identificou as principais contribuições dos dois principais grupos e dos manifestos que envolveram os principais escritores modernistas. De um lado, o manifesto *Pau-Brasil*, do grupo da Antropofagia e do outro o *Verde-amarelo*, do grupo Anta. Esse debate proporcionou um maior amadurecimento e assimilação das estéticas vanguardistas. Desse primeiro momento, destacamos a poesia *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, obra que traz a síntese, o humor, e olhar infantil para a literatura. Analisamos também a abordagem marxista da peça *O rei da vela*, de Oswald de Andrade.



AUTO-AVALIAÇÃO

Sua reflexão deve partir da sua capacidade de entrecruzar as diferentes faces do Modernismo brasileiro. Trata-se de um movimento que foi além da literatura, um movimento para a renovação do artista do país. Tente relacionar as principais propostas dos grupos e manifestos. Procure também identificar as principais obras e suas contribuições para a cultura brasileira, relacionando a proposta estética com a ideológica dos modernistas.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos a produção modernista de Mário de Andrade.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manoel et al. **O melhor da poesia brasileira**. 7ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46ª. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – **História e Antologia**. 15ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6ª. Edição. São Paulo: Global, 2001.

RAMOS, Péricles. A poesia modernista. In COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6ª. Edição. São Paulo: Global, 2001.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18ª. Edição. Petrópolis, 2009.